

A Pesquisa (N)etnográfica de Torcidas Antifascistas de Futebol em Tempos de Isolamento Físico: Possibilidades e Problemáticas¹

Alison Rodrigues Soares²
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

Resumo

A pandemia causada pelo novo coronavírus apresentou a pesquisadores e pesquisadoras uma conjuntura única e dificultosa para quem pretende fazer uma aproximação etnográfica a organizações sociais. Nesse artigo se problematiza a metodologia netnográfica – ou etnografia virtual – e mostra como esse modo de fazer pesquisa pode ser válido e rico em suas particularidades na investigação comunicacional. Além da exposição teórica é proposto aqui a pesquisa netnográfica para a análise eficiente de torcidas organizadas de futebol antifascistas e/ou politizadas à esquerda no Brasil e ao redor do mundo tanto em tempos pandêmicos quanto para a pós-pandemia.

Palavras-chave: netnografia; etnografia; torcidas organizadas; metodologia em comunicação; plataformas de redes sociais.

1. Introdução

Desde o surgimento da internet os diversos campos do conhecimento viram nessa interface um potencial importante de transformações de diversas realidades. Nos estudos relativos às ciências da comunicação essa tecnologia é especialmente relevante desde que é utilizada popularmente para trazer informação e conexão entre as pessoas via hospedagem de sites de notícias, blogs, fóruns e com as plataformas de redes sociais on-line – entre outras maneiras de interação. A partir dessa conjuntura de pessoas ocupando o meio digital para se organizar e para, de fato, conviverem socialmente foi necessário pensar em métodos para compreender sistematicamente o que ocorre nesses ambientes de maneira válida cientificamente.

Foram criadas diversas maneiras de se fazer tais análises sobre o ambiente da rede mundial de computadores – que contemporaneamente não é composta apenas por desktops presos em residências e estabelecimentos corporativos. A etnografia, utilizada consistentemente por antropólogos e comunicólogos, é uma das metodologias adaptáveis à estudos das realidades das convivências virtuais. Em um artigo conjunto Adriana Amaral, Geórgia Natal e Lucina Viana refletem sobre a “netnografia como aporte

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando em Ciências da Comunicação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Jornalista pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

metodológico da pesquisa em comunicação digital” (2008) e, para entender a etnografia com “N” definem rapidamente o que é a etnografia de maneira geral:

“A etnografia é um método de investigação oriundo da antropologia que reúne técnicas que munem o pesquisador para o trabalho de observação, a partir da inserção em comunidades para pesquisa, onde o pesquisador entra em contato intra-subjetivo com o objeto de estudo”. (AMARAL; NATAL; VIANA, 2008, p.35).

Como sugere o nome, a netnografia – também chamada de “etnografia virtual” – é um transporte do fazer etnográfico para a realidade da internet. Vale salientar que diferenças específicas, materialmente falando, fazem com que a netnografia e a etnografia tradicional sejam diferentes. Isso faz com que existam vantagens e desvantagens na netnografia em relação à etnografia com presença física em campo:

“A netnografia, como transposição virtual das formas de pesquisa face a face e similares⁸, apresenta vantagens explícitas tais como consumir menos tempo, ser menos dispendiosa e menos subjetiva, além de menos invasiva já que pode se comportar como uma janela ao olhar do pesquisador sobre comportamentos naturais de uma comunidade durante seu funcionamento, fora de um espaço fabricado para pesquisa, sem que este interfira diretamente no processo como participante fisicamente presente [...]. Por outro lado, ela perde em termos de gestual e de contato presencial off-line que podem revelar nuances obnubiladas pelo texto escrito, emoticons, etc.”. (AMARAL; NATAL; VIANA, 2008, p.35).

Os estudos das plataformas e dos convívios mediados pela internet estão incorporados como fundamentais para compreender muitas das conjunturas existentes comunicacionalmente no mundo atual. Mesmo que as aproximações não problematizem diretamente relações envolvidas com o virtual, não é possível analisar quaisquer contextos na contemporaneidade sem levar em consideração a existência de um “universo da internet” que não é paralelo ao mundo off-line, mas integrante a ele. Posto esse contexto, é possível dizer que a pesquisa da internet é um campo importante para diversas áreas do conhecimento:

“Baym (2005, p. 4) reconhece a internet enquanto um objeto que está cada dia sendo mais estudado por diversas áreas, o que mostra que “ela está se movendo para o palco central na maioria das disciplinas”, o que não justificaria sua constituição enquanto disciplina, mas como campo [...]: a autoidentificação dos pesquisadores, que se intitulam pesquisadores em internet e utilizam em suas pesquisas o termo campo e a abrangência local permitida pelo objeto, uma vez que nações e continentes se engajam em práticas, usos e apropriações distintas, como

demonstram as pesquisas conduzidas em locais como China, Índia, América Latina, Oceania, entre outros”. (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p.30 apud BAYM, 2005, p. 4)

Nisso se incorporam as torcidas organizadas antifascistas: organizações sociais que não são em si um objeto de internet, mas estão diretamente ligadas a essa realidade visto que essa interface é fundamental para que elas existam da maneira que existem. Sem a internet as maneiras de organização, militância e manifestação seriam diferentes – é relevante, inclusive, fazer uma comparação com organizações similares que no passado não tinham na internet uma plataforma de comunicação possível. Para entender o contexto de uma organização social como as torcidas a etnografia, a partir de um trabalho em campo, seria de grande valia. No entanto, em 2020 o mundo vive a realidade da pandemia do novo coronavírus que isola fisicamente³ as pessoas, faz com que a reunião pública dessas torcidas não aconteça e, caso aconteçam, são perigosas para a saúde do pesquisador.

Esse isolamento físico não faz com que as torcidas sejam menos relevantes vistos acontecimentos nas quais elas foram protagonistas. E em um futebol sem torcida nos estádios as manifestações dos fãs do futebol ficam ainda mais restritas à internet. Com esse cenário posto existem desafios para quem pesquisa futebol a partir da sua problemática comunicacional e nesse artigo as torcidas antifascistas serão um exemplo prático disso.

1.1 A Impossibilidade da Etnografia Tradicional em Tempos de Pandemia

Em 2020 os pesquisadores e as pesquisadoras em comunicação que buscam estudar os movimentos sociais a partir da etnografia encontram um problema sanitário proveniente da pandemia do novo coronavírus que contaminou milhões de brasileiros desde março. Nesse cenário a principal motriz das torcidas de futebol foi paralisada – leia-se as partidas e a presença física nas arquibancadas – e um importante elemento para possível análise etnográfica foi suspenso. No entanto, as torcidas organizadas antifascistas têm como característica a militância política além do esporte e isso se mostrou nas manifestações antifascistas e antirracistas promovidas por elas no mês de

³ No senso comum o termo utilizado é de “isolamento social”. Porém, esse termo não é preciso visto que as pessoas continuam conectadas socialmente via internet.

junho motivadas pela violência policial contra pessoas negras no Brasil e ao redor do continente americano.

Por mais que as arquibancadas estejam fechadas por tempo indeterminado durante a pandemia a presença das torcidas com atos antifascistas nunca cessaram pelo fato das demandas fascistas estarem nas ruas – com as manifestações de extrema-direita que utilizam camisetas da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e outros símbolos nacionais como identidade de seus pedidos antidemocráticos – e nas políticas públicas apresentadas pelo poder executivo – que legitima e legisla diversas violências contra pessoas que não são da classe conservadora/evangélica do país. Vale pontuar, entretanto, que as redes mostraram que o caráter antifascista das manifestações de torcidas de futebol não estão presentes apenas nos novos movimentos de torcidas que se auto intitulam dessa maneira: uma das grandes forças nas ruas paulistas foi a torcida Gaviões da Fiel, fãs do Corinthians, que contiveram atos de seus algozes políticos da extrema-direita. Essa ação, em conjunto com outras torcidas em São Paulo e com movimentações semelhantes ao redor do país de outros fãs de futebol – não necessariamente combinadas entre si – mostrou em um ambiente pouco usual o que elas promovem em seu “ambiente natural” que são as arquibancadas e as redes sociais.

A partir de reflexões diversas feitas através da discussão sobre métodos de pesquisa para a internet (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011), etnografia virtual (POLIVANOV, 2013), da netnografia como aporte metodológico (AMARAL; NATAL; VIANA, 2008) e questões sobre a sociedade em rede (CASTELLS, 2013) aproxima-se aqui desses aportes teóricos as torcidas organizadas antifascistas – prioritariamente, mas não exclusivamente – como tema em toda sua complexidade.

2. Netnografia Como um Caminho Possível

No contexto pandêmico no qual vivemos em 2020 uma das inseguranças de quem pretende pesquisar movimentos sociais organizados é a impossibilidade de estar fisicamente presente aos ambientes que essas organizações estão – e também se perde em grande parte as próprias reuniões em si. Todavia, a realidade que vivemos no começo da terceira década do século XXI traz elementos suficientes para afirmar que não existem fronteiras entre o on-line e o off-line: obviamente existem particularidades comunicacionais em cada um desses meios tanto de um modo geral – ações de compartilhamento de ideias, linguagem utilizada, etc. – quanto especificidades dentro de

cada espaço – o comportamento e modos de comunicação social mudam em meios on-line quanto off-line dependendo do contexto –, mas tais “universos” estão juntos visto que não existem mais fronteiras tão intransponíveis em um “mundo conectado”⁴ o tempo todo por aparelhos móveis com acesso à internet. Como alerta Beatriz Polivanov:

“[...] ainda que haja, sem dúvidas, singularidades quanto à mediação, linguagem e formas de interação entre pesquisadores e pesquisados na internet e “fora” dela, tal relação – mediada mesmo off-line – se dá em ambientes virtuais que não podem mais ser tratados como “não-lugares” e menos ainda de forma dicotômica, opondo-se o virtual ao “real”.” (POLIVANOV, 2013, p.69).

Com essa complexidade presente e visto o ambiente pandêmico atual, podemos avaliar a netnografia como uma metodologia válida e sem perda de qualidade de análise em relação à etnografia tradicional. O complemento etnográfico tradicional – leia-se com a presença do pesquisador em campo fisicamente – é válido, mas quase todos os elementos de possível avaliação presencial estão disponíveis à distância. As entrevistas, as observações – participantes ou não – de organizações sociais e outras dinâmicas possíveis não perdem o caráter holístico quando levados/adaptados ao universo on-line.

A seguir detalhamos em duas partes problemáticas inerentes às torcidas antifascistas de futebol como objeto de estudo netnográfico. Primeiramente, a observação das plataformas de redes sociais como um meio/ambiente fundamental para a organização, catalisação e justificação da militância política no futebol – que sofre com o estereótipo de que a “mistura” de política e futebol é nociva para o convívio social⁵ - além de compartilhar aproximações a nível de exemplo. Segundamente, refletir sobre a relação da pesquisa etnográfica *lurker* e *insider*, a partir do aporte de Beatriz Polivanov, para pensar o espaço possível do pesquisador em meio a um ambiente passional e potencialmente violento como o futebol pensando a boa ou má recepção que um (n)etnógrafo pode ter dentro das torcidas dependendo do time que torce – e falar um pouco sobre o que senso popular contemporâneo chama de “clubismo”.

⁴ Importante contextualizar que por mais que essa seja uma realidade presente no mundo contemporâneo, não podemos deixar de considerar bilhões de pessoas completamente excluídas desse mundo em rede. Tal exclusão, pela irreversibilidade do processo de mundo conectado via internet, é uma desigualdade social relevante.

⁵ Tal discussão é superada desde os primórdios dos estudos em futebol e tem como um autor importante para mostrar que não existe essa separação entre futebol e política o antropólogo Roberto DaMatta (1982). Tal discussão não faz sentido pelo fato de ser impossível desvincular a realidade do futebol com as questões políticas e sociais do Brasil – até mesmo a política partidária é afetada pelo esporte

2.1 Plataformas de Redes Sociais e Militância Política

As plataformas de redes sociais são amplamente utilizadas pela militância política e isso começou a se mostrar como realidade no início da segunda década do século XXI quando movimentos sociais utilizaram plataformas como o Facebook e o Twitter para organizar manifestações – sendo o primeiro grande exemplo disso a Primavera Árabe (CASTELLS, 2013). Manuel Castells, nessa observação dos movimentos políticos que se moldaram pelas plataformas de redes sociais feita no livro *Redes de Indignação e Esperança*, observou um papel fundamental nestas para a organização política, mas salientou que essas relações são “multimodais”, ou seja, são diretamente integradas com outras interfaces comunicacionais off-line. Isso demonstra que a diferenciação do on-line para o off-line não é correta visto a integração desses dois *status* – estamos sempre on-line e off-line ao mesmo tempo – e que o pesquisador que pretende ter dados detalhados de um contexto de movimentos sociais não pode desconsiderar nenhum desses contextos:

“[...] O uso das redes de comunicação da internet e dos telefones celulares é essencial, mas a forma de conectar-se em rede é multimodal. Inclui redes sociais on-line e off-line, assim como redes preexistentes e outras formadas durante as ações do movimento.” (CASTELLS, 2013, s.p.⁶).

As torcidas organizadas antifascistas – e outras sem essa auto intitulação, mas que se juntaram à luta contra a extrema-direita, como a Gaviões da Fiel – se organizam através dessas plataformas e acrescentam seguidores de sua forma de ver o mundo via Facebook, Twitter e Instagram. Entretanto, há diferenças em relação aos movimentos estudados por Castells, pois, existem nas torcidas lideranças organizacionais e a comunicação é utilizada como potencializador de alcance dos seus ideais de mudança social enquanto na realidade da Primavera Árabe e nas Jornadas de Junho de 2013 no Brasil o movimento foi “orgânico” sem líderes para guiar as massas⁷.

⁶ E-book Kindle, que não apresenta numeração de página.

⁷ Isso não faz parte da realidade atual devido a mudança feita nos algoritmos das plataformas de redes sociais e, no caso brasileiro, o aproveitamento dos movimentos espontâneos para capital político-eleitoral que culminou no crescimento de grupos como o Movimento Brasil Livre (MBL) e com consequências eleitoreiras como o Impeachment de 2016 e a eleição de Jair Bolsonaro em 2018.

Em junho de 2020 as torcidas organizadas politizadas, ausentes do ambiente futebolístico devido a parada das competições por causa da pandemia, tomaram as ruas pedindo o fim de ações policiais racistas: manifestações que começaram no mesmo momento em que a revolta de Minnesota ocorreu em decorrência da morte de George Floyd, um homem negro asfixiado em público por um policial branco; essa resposta à violência da polícia estadunidense causou uma convulsão social em diversos pontos dos Estados Unidos e inspirou que no Brasil as pessoas também saíssem para reivindicar que a realidade policial-racista por aqui também fosse repensada. E nessa oportunidade o grupo de torcidas conseguiu se organizar e aproveitar o momento propício para desencadear protestos antifascistas ao redor do país – que além da pauta antirracista apresentava o discurso anti-bolsonarista.

Esse “estopim” causado pela raiva foi observado por Castells na Primavera Árabe. Em um esforço transdisciplinar entre a comunicação e a neurociência social, Castells constatou que uma ação injusta pode causar dois sentimentos: o medo e a raiva. O medo, segundo o autor, causa ansiedade e paralisa; enquanto a raiva, quando seguida pela alteridade e o compartilhamento de revolta num processo de ação comunicativa, mobiliza e leva a comportamentos que fazem os indivíduos organizados assumirem riscos:

[...] No contexto das seis emoções básicas identificadas por neuropsicólogos (medo, aversão, surpresa, tristeza, felicidade e raiva), a teoria da inteligência afetiva em comunicação política argumentava que o gatilho é a raiva, e o repressor, o medo. A raiva aumenta com a percepção de uma ação injusta e com a identificação do agente por ela responsável. O medo desencadeia a ansiedade associada à evitação do perigo. Ele é superado pelo compartilhamento e pela identificação com outros num processo de ação comunicativa. Então a raiva assume o controle, levando ao comportamento de assumir os riscos. (CASTELLS, 2013, s.p.⁸).

Essa mobilização apresentou resultados: notabilizou uma resistência a um Estado que massacra pessoas negras e pobres via ação policial e reduziu drasticamente movimentos bolsonaristas que, em plena crise sanitária, se aglomeravam em todos os domingos em prol de demandas anti-democráticas⁹ como a instauração de um regime militar no Brasil. Esses resultados positivos trazem aos movimentos a emoção positiva do entusiasmo o

⁸ E-book Kindle, que não apresenta numeração de página.

⁹ Um notável paradoxo recorrente na contemporaneidade: utilizar de instrumentos democráticos como a manifestação nas ruas para desejar o fim de instrumentos democráticos como a estrutura dos três poderes (executivo, legislativo e judiciário) que garantem o direito à livre expressão.

que facilita a construção de sociedades conectadas em rede – no caso as torcidas que, sem o ambiente do esporte, tiveram como ponto de encontro as plataformas sociais de internet – superem o medo e se tornem um ator coletivo consciente:

Quando se desencadeia o processo de ação comunicativa que induz a ação e a mudanças coletivas, prevalece a mais poderosa emoção positiva: o entusiasmo, que reforça a mobilização societária intencional. Indivíduos entusiasmados, conectados em rede, tendo superado o medo, transformam-se num ator coletivo consciente. Assim, a mudança social resulta da ação comunicativa que envolve a conexão entre redes de redes neurais dos cérebros humanos estimuladas por sinais de um ambiente comunicacional formado por redes de comunicação. (CASTELLS, 2013, s.p.¹⁰).

Como esses movimentos estão acontecendo em paralelo com a escrita desse texto é impossível prever que caminhos as torcidas de futebol antifascistas podem tomar – tanto em relevância política quanto em mudanças sociais que elas podem promover –, mas todas essas observações contextuais sobre sua realidade e suas ações comunicacionais e políticas foram possíveis a partir de instrumentos netnográficos de observação à distância. Não foi necessária a conversa com nenhuma liderança de torcida para chegar a essas particularidades, o que pode se caracterizar em uma primeira aproximação do tipo *lurker*, ou seja, uma observação densa dos processos comunicacionais feita à distância (POLIVANOV, 2013). Evidentemente, há a possibilidade de se aproximar de maneira adjacente com as pessoas que compõe a organização da qual se estuda, o que caracteriza como um movimento *insider*. Por mais que pareçam movimentos antagônicos, no caso dos estudos das torcidas organizadas antifascistas esses dois tipos de aproximação podem caminhar juntos.

2.2 Pesquisador Etnográfico como Lurker e Insider e o Clubismo

Dentro da pesquisa etnográfica, independentemente de ela ser feita aproveitando elementos da realidade on-line ou não, se apresenta a perspectiva do etnógrafo *lurker* e *insider*. O pesquisador *lurker* busca interferir o mínimo possível; ele “apenas observa determinado grupo social, objetivando interferir o mínimo possível em suas práticas cotidianas” (POLIVANOV, 2013, p.64). Ele é útil para um primeiro momento de pesquisa no qual o pesquisador conhece muito pouco das dinâmicas do objeto a ser

¹⁰ E-book Kindle, que não apresenta numeração de página.

observado e que ajuda a “apreender suas dinâmicas de funcionamento, valores e regras sociais antes de se manifestar” (Idem). Já o *insider* é, na prática, é o oposto: “Neste caso o pesquisador está inserido no ou tem ligações próximas com o objeto de estudo e, portanto, seu comportamento dificilmente poderia ser o de alguém que apenas observa o grupo.” (Ibidem). Essa relação participativa na etnografia apresenta outras possibilidades de detalhamento como, por exemplo, a descrição densa a partir da observação participante.

Por mais que as pesquisas *lurker* e *insider* sejam opostas em suas práticas, no contexto das torcidas organizadas elas podem ser complementares: no futebol existe uma natureza de rivalidade entre torcidas vizinhas que é muito específica dessa realidade social e que o pesquisador e a pesquisadora dificilmente podem estar alheios. Culturalmente no Brasil as pessoas são condicionadas a “torcer” – ser um fã – para/de um determinado time e tal escolha acarreta em se encaixar em uma realidade social específica; a nível de exemplo: a partir do momento que uma pessoa escolhe ser gremista – por pressão familiar, por achar as cores bonitas ou por qualquer outra razão que pode ocupar até uma relação de identidade – ela assume “desígnios” dessa escolha e absorve uma rivalidade com torcedores do Internacional que se insere na sua vivência por mais que ela não concorde com isso. É possível afirmar que quem pesquisa futebol tem em suas condições epistemológicas o clube ao qual torce – e mesmo que o pesquisador não torça para nenhum clube de futebol essa “não escolha” também traz consequências. Nessa relação pesquisador-torcedor-rivalidade que está a possibilidade de inserir metodologicamente as condutas de *lurker* e *insider* concomitantemente: seguindo o mesmo exemplo, um torcedor gremista que por ventura não tenha possibilidade de acompanhar de maneira segura a torcida colorada e tenha o alcance de ser recebido pela torcida do Grêmio vai ter que ser *lurker* em um contexto e vai poder ser *insider* em outro – e, assim, absorver o máximo de informações propiciada por cada maneira de pesquisar. Essa relação belicosa entre as torcidas tem um nome popular contemporâneo chamado “clubismo” que, na prática, se mostra como um maniqueísmo futebolístico: um “clubista” trata as atitudes advindas dos jogadores e dirigentes do clube do qual é fã como algo sempre irretocável e quem aponta quaisquer mazelas e problemas causados e integrados àquele clube sofre represálias diversas desde linchamento virtual até violência física¹¹.

¹¹ Conduta de eliminação do oposto que é muito semelhante a do fascismo.

No entanto, no contexto ainda mais específicos das torcidas antifascistas, essa rivalidade parece ser controlada¹². Um dos lemas mais vistos nas torcidas antifascistas ao redor do país é o de “nem guerra entre torcidas nem paz entre classes”¹³ (figura 1) o qual, pelo menos aparentemente, traz uma ideia de união de torcidas em prol de um bem comum – no caso o antifascismo – que é uma conduta nova em relação ao que é feito pelas torcidas organizadas tradicionais. A partir do momento que o futebol tem essas particularidades que podem trazer imprevisibilidade à coleta de informações acerca do objeto o projeto de pesquisa de um pesquisador que se propõe a estudar essas movimentações sociais deve estar preparado para todos esses possíveis imprevistos – inclusive a pandemia foi outro imprevisto que por mais que seja algo inesperado ao esporte muda diretamente o fazer científico.



Figura 1: Torcedores da torcida Ultras Resistência Coral, do Ferroviário-CE, com a faixa "Nem guerra entre torcidas nem paz entre classes"¹⁴

3. Pesquisa à Distância para Além da Pandemia

Muitas dessas reflexões feitas nos tópicos anteriores foram feitas com a recolha de dados à distância e o aporte teórico de décadas de reflexão sobre os estudos de internet são fundamentais para entender como e o que utilizar dentro de um mundo tão vasto de informações, conexões e interações. Não é possível fazer etnografia e muito menos

¹² Observação feita sem a real tentativa de contato, mas a partir da recolha de informações feitas já em um processo de investigação à distância.

¹³ Frase popularizada pela primeira torcida antifascista do país, a Ultras Resistência Coral.

¹⁴ Disponível em: <<https://www.facebook.com/ultrasresistenciacoral/photos/1708457249203133>>. Acesso em: 11 out. 2020.

estudar comunicação no século XXI sem considerar o ambiente da internet: em uma realidade em que a internet não é mais algo em que as pessoas “entram” e “saem”, em que não se depende mais de um computador para se comunicar na rede desde o advento dos smartphones, as maneiras como os indivíduos se expressam e se organizam utilizando essa tecnologia não pode ser desconsideradas. A internet, portanto, pode ser tratada como um artefato cultural:

A perspectiva da internet como artefato cultural observa a inserção da tecnologia na vida cotidiana. Assim, favorece a percepção da rede como um elemento da cultura e não como uma entidade à parte, em uma perspectiva que se diferencia da anterior, entre outras coisas, pela integração dos âmbitos online e offline. A ideia de artefato cultural compreende que existem diferentes significados culturais em diferentes contextos de uso. O objeto internet não é único, mas sim multifacetado e passível de apropriações. (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p.42).

Durante a pandemia o mundo continua ativo. As pessoas isoladas dentro de suas casas conseguem se comunicar, trabalhar – e receber seus rendimentos – e se informar sem precisar sair de casa graças à tecnologia da internet que conecta as pessoas sem que a presença física seja fundamental – por mais que essa ausência física possa ser objeto de outras aproximações científicas diversas, mas, mesmo essa problemática, só existe a partir da realidade formada pela existência do ciberespaço. Essa realidade está presente e o contraste social que é causado também deve ser considerado: na contemporaneidade nem todos os humanos têm acesso ao ciberespaço e essa é uma nova camada de desigualdade social que a pandemia deixou ainda mais clara, pois, nessa conjuntura, quem não consegue exercer suas funções de trabalho via internet depende exclusivamente de auxílios do governo para sobreviver – auxílios estes que as pessoas precisam de acesso à internet para reivindicarem. Esse é um exemplo extremo, mas as desigualdades causadas pela falta de acesso ao ciberespaço têm camadas mais sutis e não menos graves. Essa realidade deve ser levada em consideração tanto nos estudos da comunicação quanto em estudos antropológicos, sociológicos, históricos e políticos.

Todas essas reflexões trazidas até aqui são elementos para análise comunicacional para além da pandemia. Os reflexos disso possivelmente estarão presentes nas pesquisas nos próximos anos – talvez décadas – tanto no aspecto empírico quanto no epistemológico. No entanto, não há uma “nova realidade” na investigação científica a partir da pandemia, mas sim é mais uma parte do processo: o contexto do mundo isolado

e do possível mundo financeiramente prejudicado pós-vacina/pós-pandemia é novo, mas os processos comunicacionais devem ter como base teórica o que fora estudado até aqui. Não há possibilidade de entender esse processo tão novo e inédito sem compreender anteriormente o que fez a sociedade chegar ao *status* de conexão cibernética atual.

3.1 As Possibilidades Netnográficas Para o Entendimento do Contexto Global

A impossibilidade do contato pessoal nos demonstrou que pode haver movimentações sociais e culturais sem essa “plataformização” caracterizada pelo toque, presença e proximidade. Levando isso em consideração, podemos repensar a necessidade fundamental da presença física do pesquisador para compreender diferentes realidades de diferentes territorialidades.

Novamente exemplificando a partir dos movimentos das torcidas antifascistas: existem elementos dessas torcidas ao redor do Brasil semelhantes com o de torcidas progressistas ao redor do mundo como, por exemplo, as torcidas do St. Pauli e Union Berlin, da Alemanha; Livorno, da Itália; Rayo Vallecano, da Espanha; New York Cosmos e Phoenix Rising, dos Estados Unidos e Olympique de Marseille, da França são exemplos de organizações à esquerda no futebol que, nesse mundo conectado em rede, influenciam o torcer das torcidas brasileiras que, na maioria, são recentes. E, para fazer essa aproximação para inferir proximidades e diferenças nessas torcidas brasileiras em relação a essas torcidas ao redor do mundo, o pesquisador não precisa estar nos respectivos países estrangeiros para fazer uma aproximação (n)etnográfica densa. Obviamente, existem particularidades na pesquisa da internet que devem ser detalhadas nos resultados das pesquisas, mas é notório que a territorialidade não é um impeditivo para uma pesquisa etnográfica de qualidade e descrição densa que aborde diferentes realidades a nível global.

Essa maneira de fazer pesquisa não substitui o fazer etnográfico e tampouco é deficiente em relação a ele: existem especificidades de cada uma das metodologias que devem ser levadas em consideração antes da escolha de qual desses métodos utilizar – válido pensar também em uma simbiose entre os dois métodos para complementar dados. O contexto pandêmico faz com que alguns contextos possam ser aproximados apenas pela netnografia e essa ferramenta não faz com que se perca nada em relação à etnografia tradicional.

4. Considerações Finais

Dessas observações podemos inferir que o contexto pandêmico atual pode servir para aprofundar os pensamentos teóricos acerca da netnografia. Essa metodologia é cada vez mais relevante e a teremos como uma das principais ferramentas para explicar a realidade vivida em 2020 e para demonstrar os efeitos pós-pandemia que a humanidade viverá.

Não é mais possível explicar quaisquer movimentos sociais sem o contexto da pesquisa na internet. A maioria das organizações se apresentam e se organizam nas redes virtuais e, mesmo se uma temática de pesquisa específica se tratar de uma realidade onde a internet não é utilizada, esse contexto tem implicações da não utilização da comunicação via rede – desde a desigualdade que isso possa causar até outras facetas em que essa dialética possa alcançar dependendo da especificidade. Ainda há no mundo a divisão entre o on-line e off-line se levarmos em consideração que bilhões de pessoas no mundo que não conseguem acessar de nenhuma maneira as informações de forma facilitada via internet, mas até nessa concretude existem reflexos da sociedade em rede.

As torcidas contextualizadas aqui não existiriam da maneira que existem sem a internet e desconsiderar essa faceta compromete com o entendimento do cenário no qual elas estão inseridas. O entendimento desse momento da humanidade, onde ela se comunica mais rapidamente do que nunca antes, abre portas para a problematização e avanços científicos e sociais. Compreender que a abordagem netnográfica é possível, válida e pode ser rica em detalhes descritivos é uma forma de avançar na contextualização de uma conjuntura fundamental para o entendimento do funcionamento do mundo contemporâneo e abre portas para que as diversas circunstâncias sejam compreendidas a partir de diversas vozes e realidades recolhidas mundo afora pelo netnógrafo e pela netnógrafa.

5. Referências

AMARAL, A, NATAL, G., VIANA, L. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. **Sessões do Imaginário**, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, V.1, N.20, 2008.

BAYM, N. Internet Research as It Isn't, Is, Could Be, and Should Be. *The Information Society*, London, 21: 229–232, 2005.

CASTELLS, Manuel. **Redes da Indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DAMATTA, Roberto et al. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

FRAGOSO, S., RECUERO, R., AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para Internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

POLIVANOV, B. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. **Revista Esferas**, 2013.